



Manuel Frank: «A RENAMO controla actualmente oitenta por cento do território do país».

# «Lutaremos pela liberdade todo o tempo que for necessário»

— declara o delegado em Portugal da Resistência Nacional Moçambicana

Mais de trinta e dois mil combatentes estrangeiros participam na guerra civil de Moçambique, ao lado das forças governamentais. Os cubanos, em número de doze mil, constituem o maior contingente de «conselheiros» e de «cooperantes» com que conta Joaquim Chissano. A Resistência Nacional Moçambicana lutará pela liberdade durante todo o tempo que for necessário. Estas foram algumas das declarações feitas ao nosso semanário pelo Manuel Frank, delegado da RENAMO em Portugal, numa entrevista que incluiu os principais aspectos da situação em Moçambique, ao cabo de dez dias de trabalho popular contra o despotismo comunista da FRELIMO.

Manuel Frank veio trazer-nos pessoalmente uma boa notícia: a de que não tardará a ser libertado — como de facto o foi no dia seguinte — o sacerdote português Fernando Simões Carvalho e Silva, detido pelos guerrilheiros quando se dirigia de Ressano Garcia para a Moamba, localidade, aliás, não muito distante do Maputo. Mas a sua visita deu-nos ensejo a algo mais do que a notícia: uma entrevista com o delegado da RENAMO, que, como é natural, começou por abordar estes casos de religiosos — e não só religiosos — capturados pelos rebeldes moçambicanos. Todavia, «capturados» é termo que o entrevistado se recusa a admitir:

— Não lhes chama capturados, porque de facto não o são. Se os nossos combatentes levam com eles os estrangeiros, missionários ou não, que se encontram nas povoações que assaltam, ou numa coluna de viaturas que cai numa emboscada, é, fundamentalmente, para que se não repita o que infelizmente já se registou, para que não corram o risco de serem abatidos pelo inimigo, com o habitual objectivo de nos culpar por crimes cometidos pela FRELIMO.

— Mas não foi esse o caso do padre Fernando Simões, detido quando viajava sozinho...

— O padre Fernando foi detido por suspeito de ser um cooperante da FRELIMO. Quando a sua congregação, a Sociedade Missionária, nos fez saber de quem se tratava, criticou-se imediatamente a sua libertação.

— Reconhecemos que a solução deste caso foi excepcionalmente rápida. Mas reconhecemos, também, que tem havido demoras de meses em vários outros casos.

— É verdade. Há demoras sempre que nenhum governo ou nenhuma instituição mostra o mínimo interesse na libertação dos erradamente chamados reféns. E há demoras sempre que a FRELIMO levanta obstáculos à libertação. Enquanto es-

peramos que se concretizam as diligências para os resgatar à liberdade, não nos poupamos a esforços para evitar que os iletrados sofram incomodidades excessivas. Até hoje, depois de libertado, nenhum deles ou delas se queixou de haver sofrido a mínima violência. Somente se queixam de haver lido longas cartas, as mesmas que fazem os combatentes.

— Tem-se dito que a RENAMO mantém ainda detidos quatro portugueses. É verdade?

— Conheço apenas um caso, o de uma religiosa portuguesa, chamada Lucia, que está presa a ser restituída à sua congregação. De facto, a missionária Gabriela Fragoso, das Servas de Nossa Senhora de Fátima, que há semanas regressou a Portugal, disse ter conhecimento da existência de quatro portugueses num acampamento da RENAMO, na província de Nampula. Não tenho confirmação. Somente conheço o caso que referi. Presumo que as pessoas mencionadas pela irmã Gabriela sejam moçambicanos de ascendência portuguesa e que ela os tenha confundido com portugueses.

## A FRELIMO SÓ CONTROLA AS CIDADES

Da que é por isso, passamos ao que é global: a própria guerra civil. É geral a impressão de que nos últimos meses diminuiu muito a capacidade ofensiva da RENAMO, tendo aumentado, em contrapartida, o controlo do território pelas forças governamentais. Que nos diz a este respeito o delegado da RENAMO?

— Digo que é uma impressão completamente errada. A Resistência Nacional Moçambicana controla actualmente 80 por cento do território do país.

— Orienta por certo pareceres exagerados...

— Pode crer que não é. O caso

controlar, não disse ocupar. A FRELIMO impõe-se apenas nas cidades e nos postos militares. Praticamente só de avião se consegue viajar com segurança de uma cidade para outra. De noite, nem sequer é seguro transitar por estrada de Maputo para a Matola, que é, como sabe, uma cidade satélite da capital. A melhor prova do que lhe digo está na recente decisão da Cruz Vermelha, que suspendeu as suas distribuições de alimentos, alegando que o fazia «por recar as actividades dos rebeldes».

— As informações governamentais, ou pró-governamen-

to, dizem que o estrangeiro projecta ou electue no «corredor de Beira».

— A propósito do auxílio militar do Zimbábue, como se sabe, o vosso movimento anunciou que atacaria também em território zimbabuano, mas não se falou mais nisso. Que se passa?

— Passa-se que estamos a cumprir a ameaça. Cito-lhe, por exemplo, ataques da RENAMO na última quinzena de Dezembro, a localidades do Zimbábue, como Chiminda, Dargavuru ou Mandandala, este último muito próxima da Harare.

De há muito que o

## “O objectivo da Resistência Nacional Moçambicana foi sempre e continua a ser o de democratizar e liberalizar o país, criando condições de progresso generalizado. Só ignora o nosso programa político quem o fizer malevolamente”

tais, insistem em falar da recuperação do «corredor da Beira».

— Pois insistem. Com o fortíssimo apoio militar do Zimbábue, acontece que por vezes se normaliza o funcionamento do corredor, ou das comunicações com a fronteira, ou abastecimento de água e de energia eléctrica à cidade de Beira. Mas essas normalizações duram geralmente uma semana; depois, os períodos de regresso à situação anterior, de regresso à anormalidade, prolongam-se por meses. De modo que continuamos a considerar dinheiro deixado à rua os grandes inves-

Diabos vem chamando «guerra internacional» e não «guerra civil» ao conflito que devasta Moçambique. As seguintes declarações do dr. Manuel Frank acerca dos contingentes estrangeiros que actuam ao serviço da FRELIMO vêm confirmar a designação de «guerra internacional»:

## OS CUBANOS ESTÃO EM TODA A PARTE

— Com os seus 18 mil homens, bem treinados e bem

municados, o Corpo Expedicionário do Zimbábue constitui a maior força estrangeira que temos de delimitar. Seguem-se os zanzibarianos, cerca de dez mil, também bastante activos. O governo da Zâmbia, com a consciência da incapacidade militar do seu país, mandou para Moçambique apenas quatro mil homens, que evitam entrar em combate e que pouco ou nada nos incomodam. Direi o mesmo da presença simbólica de 350 soldados que o governo do Malawi destacou para proteger o ramal de Cuatrinha do Caminho de Ferro da Namata e que estão lá mais para manter equilibradas as relações entre o Malawi e a República Popular da Moçambique do que para qualquer outra coisa.

E, sem sair do campo da intervenção estrangeira, Manuel Frank fornece-nos mais números, pelos quais se vê que não é só em Angola que se encontram cubanos:

— Quanto a «conselheiros», que os há de várias nacionalidades, os russos estão em maioria, com 800, seguidos pelos alemães orientais, com 300, e pelos norte-coreanos com 300. Mas incluindo «conselheiros militares» e «cooperantes», a maioria pertence aos cubanos, que estão em quase todos os sectores, nos serviços de saúde, nos de educação, nos administrativos, e assim por diante.

— E o reverse da medalha?

— Quer que dizer?

— Quero propor-lhe um tema que certamente é delicado para a RENAMO, o da posição assumida pela República da África do Sul...

— Delicado? Não sei porquê. Quantas vezes será necessário dizer que o apoio da África do Sul à RENAMO — apoio que existiu do início, mas que nunca foi tão volumoso como se fez crer — terminou por completo em 13 de Março de 1984, ou seja, na véspera de Samora Machel e de Pieter Botha assinarem o Acordo de Incomatí? Curiosamente, nem antes nem depois desse dia, ninguém

disse — nem sequer os imaginativos propagandistas FRELIMO — que entre os combatentes da RENAMO moravam prisioneiros se tenha encontrado um único sul-africano. Ou armas sul-africanas. Ou, pois de Incomatí, qualquer ilção da intervenção da República da África do Sul. É muito fácil em infiltrações viciadas da África do Sul quando a RENAMO actua em áreas como de Tete, da Zâmbie, ou as províncias do Extremo-Norte, áreas essas que não só fronteira com a África do Sul como ficam a entranhas de cima daquele país.

## AS PERSPECTIVAS DE PAZ

Não vale a pena insistir neste ponto, nem perguntar se todos os sul-africanos pensam e procedem em relação à RENAMO como pensa e procede o Governo da Pretória, nem estabelecer uma progressão, que eu sem resposta, quanto apoios que substituíram o República da África do Sul. Mas Manuel Frank é quem tem ainda algo a dizer sobre o Acordo de Incomatí.

— Maputo, por vezes, ainda a África do Sul de dar apoio. É uma manobra que faz parte da campanha da Pretória movida no conjunto «Linha da Frente». Mas não que temos o direito a formalizar acusação inversa. Quem recebeu o apoio da África do Sul precisamente a FRELIMO, a mercê pela manutenção dos trabalhadores moçambicanos para as minas do Rand como antes da independência.

— Pensa que a África do Sul poderá levar esse apoio à República Popular da Moçambique ponto de fornecer tropas militares para combater guerrilha, designadamente a proteger a linha transmissora Cabora-Bassa?

— Pensa que não. Mas concluiu a que já chegámos a de que a política sul-africana

tem interesse em que a desestabilização se mantenha em Moçambique.

— Para que a desestabilização acabe será preciso começar pelo fim da guerra. Que perspectivas de paz se podem encontrar neste momento?

— A paz está ao alcance de ambas as partes. Pela nossa parte, só desejamos estar em plano de igualdade. Não aceitamos ser cidadãos de segunda, como também não queremos o poder pelo poder. Ambas as partes terão de fazer concessões. E se da parte de Joaquim Chissano se não vê qualquer disposição nesse sentido, ele existe em alguns sectores do lado governamental, designadamente militares. Sentem que a paz é uma necessidade absoluta e sabem que não depõem as armas sem ser num plano de igualdade.

— A necessidade absoluta de paz é, cada vez mais, a tônica das cartas pastorais do episcopado moçambicano. Parece-lhe que a Igreja pode ser a necessária medianeira?

— Parece-nos que sim, desde que os seus apelos sejam entendidos pela FRELIMO como têm sido entendidos por nós.

## EXISTE UM PROGRAMA POLITICO

— Os adversários da RENAMO acusam-na de não ter um programa político, de ser apenas uma força insurreccional. Que deve pensar-se disso?

— Só ignora o programa político da RENAMO quem o quiser ignorar malevolamente, proposadamente. Ele existe desde sempre e há pelo menos três anos que foi divulgado de forma a não deixar dúvidas a ninguém. O objectivo da Resistência Nacional Moçambicana foi sempre e continua a ser o de democratizar, liberalizar e criar condições de progresso generalizado. Do ponto de vista político, queremos a erradicação do sistema de ditadura marxista — mas sem espírito de vingança — com a criação de um governo de concórdia nacional, tendo por missão pacificar o país, instituir a ordem democrática e estabilizá-lo, assim como a missão de preparar as condições de relançamento social e económico. No que se refere especialmente à economia, não admitiremos monopólios,

oligopólios, nem a exploração económica de uma classe ou sector por outra classe ou sector. Sector público e sector privado são, para nós, interesses colaborantes e conciliáveis. Não esqueceremos a situação dos bens confiscados ou intervenionados e a sua eventual devolução. E muito mais...

Manuel Frank alonga-se na apreciação dos vários pontos do manifesto da RENAMO aprovado há oito anos e que contempla, de facto, tudo o que se pode considerar uma doutrina de acção governativa. Não há espaço para pormenorizar, mas vale a pena recolher este comentário do delegado da RENAMO.

— Talvez não exagere se disser que de todos os movimentos de libertação é a RENAMO aquele que possui um mais completo e mais definido programa político. E já alguém se terá informado, por exemplo, se os «mujahedin» afegãos possuem, também, um programa político?

## LUTAR ATÉ QUANDO?

— Uma vez que o dr. Manuel Frank nos fala dos «mujahedin» afegãos, e que tal referência nos faz lembrar que eles se encontram repartidos por vários grupos, deixa que lhe perguntemos o que há quanto a dissidências de RENAMO?

— O que tem havido não são propriamente dissidências ideológicas. Ninguém põe em dúvida que a RENAMO é a única força em combate no terreno contra o marxismo da FRELIMO e ninguém contesta Afonso Dhlakama na presidência do nosso movimento. O que tem havido, infelizmente, são ambições individuais ou incompatibilidades pessoais. Mas isso é inevitável. Existe em toda a parte em todas as situações. Quanto a outros movimentos que sinceramente queiram contribuir para a libertação e a recuperação de Moçambique, eles deverão saber que temos os braços abertos para quem quiser lutar ao nosso lado.

— Começou por nos dizer que a situação militar da RENAMO não se agravou, contra-natureza ao que se possa pensar. E no plano das relações externas?

— Também não. Continuamos a contar com excelentes e dedicados amigos em muitos

países, apesar das campanhas de desinformação lançadas contra nós pelo inimigo.

— Amigos em muitos países, mas não nos respectivos governos...

— Nunca contámos com governos amigos...

— Pois não. Mas os governos de quase todas as democracias ocidentais, e instituições financeiras nacionais ou internacionais, estão a multiplicar as suas manifestações de apoio ao governo da República Popular de Moçambique. Agora, até a Espanha decidiu mandar guardas-civis dar instrução anti-terrorista em Moçambique. E então?

— Então, penso que a Espanha faria melhor em aproveitar os seus guardas-civis na luta contra o terrorismo nas Vascongadas. Mas quanto ao apoio internacional dado à FRELIMO ele tem duas explicações, que se completam. Por um lado, a FRELIMO está a procurar desesperadamente fazer esquecer todos os crimes que cometeu,

todas as violações dos direitos humanos de que foram objecto tanto as vãs confissões religiosas como os estrangeiros e, sobretudo, a própria população de Moçambique. Está a tentar pôr em prática, desesperadamente mas também descaradamente, todos os pontos de política económica do programa da Resistência Nacional Moçambicana. Vê-se que assim é pela simples comparação entre medidas anunciadas pelo governo de Joaquim Chissano e os pontos programatizados da RENAMO.

— De qualquer modo, está a merecer crédito internacional...

— Não é só uma questão de merecer crédito. E que, por outro lado, todos os estrangeiros, governos, pessoas ou instituições, que estão a oferecer ou a dar apoio à República Popular de Moçambique, preocupam-se, mesmo que seja com vista a um futuro distante.

— E será muito distante esse futuro? Por quanto tempo po-

**“A FRELIMO está a tentar pôr em prática, descaradamente, pontos da política económica do programa da RENAMO”**

derá a RENAMO prolongar a luta contra o regime da FRELIMO?

Manuel Frank responde sem hesitar: — A Resistência Nacional Moçambicana lutará pela liberdade durante todo o tempo que for necessário.

Mas acrescenta, com um sorriso, para que a entrevista tenha a encerrá-la, mais do

que optimismo, um pouco de bom humor:

— Pelo menos, enquanto a FRELIMO existir. Quer dizer, enquanto, como até agora, nos servimos das armas ligeiras e pesadas, das viaturas, das munições e de todo o material bélico do inimigo que cai nas nossas armas. E que cai às toneladas...

A.M.Z.